

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Liberal

Class.: 17

Data: 17.06.90

Pg.: _____

CIDADE

Matthew Cooncome
pretende
evitar que
sua reserva
seja inundada
por uma
hidrelétrica.
Ele é formado
em Direito,
Ciências
Políticas e
Economia, e sua
tribo tem acesso
aos tribunais
do Canadá.



Chefe de tribo canadense quer aprender com índios Kaiapós

O grande chefe da tribo canadense dos Cree, Matthew Cooncome, 34 anos, que está no Brasil para trocar experiências de lutas com os índios Kaiapós, viajou, ontem de manhã, para a aldeia Aukre, no sul do Pará, onde foi recebido pelo cacique Paulo Paiakan, o líder indígena mais conhecido internacionalmente. Eles aproveitaram o fim de semana para conversar e acertar planos de ação conjuntos em defesa da preservação da natureza. Amanhã, o grande chefe dos Cree vai visitar a Usina Hidrelétrica de Tucuruí e conhecer os efeitos do represamento no rio Tocantins, que inundou cerca de 2.100 hectares, com a estocagem de 43 trilhões de m³ de água, para gerar 4 milhões de kw por hora, a primeira fase, e que custou 5,4 bilhões de dólares. Ficará, certamente, impressionado com o projeto; porém, mais impressionado com a situação dos proprietários, dos caboclos ribeirinhos e com a extensão de terra e quantidade de árvores submersas.

Mas o que trouxe o grande chefe Matthew Cooncome à Amazônia não foi Tucuruí, um projeto cujos danos à ecologia já estão consumados. Ele veio mesmo para saber como os Kaiapós conseguiram evitar, através de uma grande mobilização nacional e até internacional, que o governo brasileiro

consumasse a construção do complexo hidrelétrico do Xingu. O projeto teria efeitos muito mais desastrosos que Tucuruí. Seria formado uma lago artificial de 1.200 km quadrados, pela barragem de Juruá, num ponto entre a foz do rio Baía e a cidade de Belém Monte, a 250 quilômetros da desembocadura do Xingu no rio Amazonas. Pelo menos 12 aldeias indígenas seriam afetadas. Haveria, também, um segundo lago artificial, com aproximadamente 6.200 km quadrados, acima da cidade de Altamira. A capacidade de geração de energia seria na ordem de 17.600 megawatts, tudo ao custo de 10,6 bilhões de dólares.

Antes, porém, que o estrago fosse feito, os caciques Paulo Paiakan e Kubei, acompanhados pelo antropólogo norte-americano Darrel Posey, foram ao Banco Mundial, denunciaram a ameaça do desastre ecológico e conseguiram — além de um processo na Justiça Federal com o propósito de expulsá-los do país —, que as autoridades internacionais postergassem a liberação dos recursos. E conseguiram também chamar a atenção da opinião pública internacional para a luta desenvolvida pelos povos da floresta em defesa da ecologia.

Cooncome quer saber como os Kaiapós se organizaram e agiram. Os

Kaipós e os Cree vão atuar juntos, de agora em diante, na defesa da ecologia", disse o grande chefe, que é formado em Direito, Ciências Políticas e Economia. Ele também fala inglês e francês, idiomas oficiais no Canadá. Cooncome revelou que atualmente sua tribo tem acesso aos tribunais canadenses e já conseguiu muitas vitórias no campo político. "A nossa reserva, onde vivem 10 mil índios, é a nossa Amazônia. Temos obrigação de preservá-la e defendê-la", comentou.

Ele acha, contudo, que os países do Terceiro Mundo precisam se desenvolver, conciliando tecnologia, progresso científico e preservação ambiental: "Nada impede que os recursos naturais sejam explorados sem agredir a natureza." O cacique canadense quer aprender a tática de mobilização dos Kaiapós para evitar que 10% de sua reserva sejam inundados pela segunda fase da hidrelétrica de Baía James, no sul do Canadá, que está sendo projetada para vender energia para os Estados Unidos. "Os índios precisam ser escutados. Quem mais do que nós, os índios, conhece o funcionamento dos ecossistemas naturais?", indagou. Paiakan, ele, os índios têm de participar de todas as negociações e discussões dos projetos hidrelétricos.